

Censura, homofobia, reorientação sexual: pedagogias dos vídeos do *youtuber* Felipe Neto

Michele Priscila Gonçalves dos Santos¹
Roney Polato de Castro²

Resumo: O artigo tem como objetivo apresentar parte das análises de uma pesquisa de mestrado em educação, com foco nos discursos de gênero e sexualidade que circulam por vídeos do *youtuber* Felipe Neto em seu canal no *YouTube*. Foram selecionados, a partir de mecanismos próprios de busca da plataforma, vídeos em que o influenciador aciona enunciados que remetem a diversas questões envolvendo gênero e sexualidade. As perspectivas teórico-metodológicas que conduziram a investigação alinham-se à análise do discurso de inspiração foucaultiana e às teorizações pós-estruturalistas. O artigo mobiliza argumentos a partir dos vídeos em que o *youtuber* assume posicionamentos contrários ao pensamento conservador diante de episódios de censura e retrocesso político que atravessam as disputas em torno dos debates públicos sobre questões LGBTTQIA+. Nossas análises nos conduzem a problematizar as relações entre os vídeos e o contexto conservador contemporâneo, considerando que tais artefatos mobilizam processos pedagógicos, educando os sujeitos a se posicionarem diante das questões apresentadas.

Palavras-chave: YouTube; Pedagogias; LGBTTQIA+; Retrocesso político; Homofobia.

¹ Licenciada em Pedagogia, Mestra e Doutoranda em Educação (PPGE/UFJF). Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). michele_pgs@hotmail.com.

² Licenciado em Ciências Biológicas. Doutor em Educação (PPGE/UFJF). Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). roneypolato@gmail.com.

Introdução

Este artigo se organiza a partir de um olhar problematizador para o tempo presente, o que significa incorporar uma atitude crítica de pensamento, colocando sob suspeita aquilo que nos parece mais comum, corriqueiro, natural, a fim de que nos tornemos outros de nós mesmos, ou seja, para ser e pensar diferentemente, como nos propõe o filósofo Michel Foucault em seus estudos. Assim, situamos algumas das inquietações que nos mobilizam. Iniciamos demarcando nossa filiação ao campo da educação. Portanto, nosso olhar se volta para os embates que colocam em questão, e sob suspeita, políticas e práticas educativas vividas por diferentes grupos sociais. No âmbito dessas políticas e práticas, voltamo-nos para outras inquietações: as relações de gênero e as sexualidades como processos educativos. Adentramos e situamo-nos no debate dessas questões a partir da inspiração nos estudos pós-estruturalistas e nos estudos foucaultianos. Isso nos possibilita tomar a educação como construção de sujeitos e subjetividades, como modo de incorporação de saberes socioculturais às experiências cotidianas, conduzindo condutas, modos de agir, de pensar, de sentir, de desejar. As perspectivas foucaultianas nos inspiram a tomar tais processos a partir de contextos de assimetrias de poder, constituindo jogos de forças que operam na normatização das experiências dos sujeitos, ao passo que possibilitam a elaboração de resistências múltiplas.

No debate atual, tais assimetrias de poder têm forjado ofensivas antigênero³, retrocessos nos direitos de mulheres e pessoas LGTBTTQIA+⁴, desvalorização da ciência e perseguições às escolas e às universidades quando ousam compor currículos com a vida das/os estudantes e com as distintas realidades sociopolíticas brasileiras. Essas e

³ Segundo Junqueira (2018), o termo antigênero faz referência a uma tomada de posição contrária à adoção da perspectiva de gênero e à promoção do reconhecimento da diversidade sexual e de gênero nas políticas sociais e na vida cotidiana.

⁴ Referência às pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneras, Queer, Intersexo, Assexuais e demais identidades e expressões políticas de existência reivindicadas por sujeitos e grupos cujas experiências de gênero e sexualidade se distanciam e desafiam as regulações cis-heteronormativas.

outras políticas antidemocráticas vêm sendo associadas ao conservadorismo político, que prevê projetos civilizatórios afeitos à manutenção de certa ordem social, seus valores e suas ideias. Em diálogo com Sepulveda e Sepulveda (2016), podemos argumentar que conservadorismo é um termo ambíguo, que foi se popularizando no debate atual, nem sempre com a complexidade que o conceito exprime. Para além de uma reação ao que poderia ser considerado ‘progressista’, o conservadorismo envolve a produção história de um regime de verdade que afirma saberes e propõe agendas políticas. De modo geral, tal regime é contrarrevolucionário, avesso “a qualquer mudança no ordenamento político que possa, de alguma forma, transformar as relações de poder em uma sociedade” (Sepulveda; Sepulveda, 2016, p. 80). Isso envolve, especialmente, transformações sociais que impliquem na ampliação de direitos e na consideração das demandas de grupos minoritários. Assim, em um cenário de acirramento de disputas e produção de resistências, a retórica conservadora tende a defender valores tradicionais quando o foco recai sobre temas de natureza moral ou comportamental. De certo modo, como propõem Sepulveda e Sepulveda (2016), o pensamento conservador político se alinha com a cis-heteronormatividade, ao preconizar normas de gênero e sexualidade que incidem diretamente sobre a constituição de modelos políticos de existência, fomentando preconceitos e práticas sociais de discriminação e violência que mantêm hierarquias sociais, morais e políticas.

Os modos como o discurso conservador funciona e incide sobre as práticas sociais, forjando subjetividades que podem estar assujeitadas às suas verdades constituintes, nos conduz a pensar nos processos educativos vividos nas instituições escolares e universitárias, pois interferem diretamente em suas proposições político-pedagógicas. Porém, nosso olhar se volta para processos educativos mais incisivos, insistentemente presentes em nosso cotidiano: trata-se das mídias e artefatos culturais, que, no contemporâneo, vêm colocando em funcionamento estratégias pedagógicas que ensinam saberes, valores e comportamentos, reiterando normas ou

contribuindo para a invenção de resistências que promovem rupturas nos modos hegemônicos de existência.

Feitas essas considerações iniciais, destacamos que este artigo se origina das questões problematizadas em uma pesquisa de mestrado em educação (Santos, 2021), com foco nas potencialidades pedagógicas culturais de vídeos do *YouTube* na constituição de sujeitos a partir da circulação de discursos de gênero e sexualidade. A pesquisa nasceu a partir da relação de uma das autoras com sua prática pedagógica em uma escola pública da rede estadual de Minas Gerais. A professora percebeu o interesse das crianças por personalidades da internet, que denominamos *youtubers*, ou seja, pessoas que produzem e postam vídeos, periodicamente, no site *YouTube*, concentrando-se em temáticas específicas ou não. Esses/as *youtubers* podem se tornar personalidades com ampla visibilidade, lançando livros, aparecendo nas capas de revistas, em programas de TV e filmes, além de em outros produtos culturais, expandindo seu conteúdo para redes sociais de expressivo alcance, como *Instagram*, *Twitter* e *TikTok*. A partir das preocupações mencionadas no parágrafo anterior, direcionamo-nos para os processos constitutivos de sujeitos, atravessados pelas relações de gênero e sexualidades, operando com a noção de pedagogias culturais. De acordo com Wortmann, Costa e Silveira (2015, p. 37), com essa noção ampliam-se os modos de compreender a educação, acionando uma “multiplicidade de processos educativos em curso, para além daqueles que têm lugar em instituições historicamente vinculadas a ações de educar”.

Apostamos nas pedagogias das mídias e artefatos culturais como produtoras de subjetividades, colocando em circulação saberes que investem sobre diferentes domínios da vida cotidiana, implicando nos modos como nos colocamos no mundo (Andrade, 2017). Assim, vídeos, filmes, séries, programas de televisão, redes sociais, sites, e mesmo livros, peças teatrais, músicas, revistas, propagandas, entre tantos outros produtos culturais, atuam sutil e insistentemente na produção e difusão de valores e ideias, na parametrização e hierarquização das nossas condutas, de modo que somos, a

todo momento, instigados/as a construir olhares sobre o mundo, constituindo o que chamamos de realidade, e, por sua vez, nos constituindo.

Para definir com mais precisão o foco da pesquisa, foram consultadas crianças de 6 a 11 anos de idade, da escola referida anteriormente, na qual uma das autoras atua como docente. A conversa com as crianças tomou como centralidade os possíveis canais do *YouTube* que elas mais acompanhavam. A partir dessa interação, chegamos ao canal do *youtuber* Felipe Neto. Novas consultas à internet foram realizadas, no intuito de circunscrever o alcance dos vídeos desse canal. À época da realização da pesquisa, em 2020, o *youtuber*, influenciador digital e empresário era dono do terceiro canal brasileiro com maior número de pessoas inscritas. Em maio de 2023, o canal possuía 45 milhões de inscritos/as⁵. O canal é voltado ao público infanto-juvenil, apresentando vídeos orientados à diversão, com assuntos variados, incluindo desafios e curiosidades em geral. O interesse das crianças nos despertou para o alcance e a visibilidade, não apenas do canal, mas do próprio *youtuber*. Ao usar uma linguagem informal, tendo como recursos a descontração e o humor, Felipe Neto vem se tornando um dos brasileiros mais influentes nas redes e fora delas. A visibilidade do *youtuber* o coloca sob a atenção de muitos olhares; os enunciados que circulam por seus vídeos podem, com isso, constituir sentidos de verdade às palavras proferidas, contribuindo para formar opiniões, disseminar valores e educar o público que o acompanha, interpelando os sujeitos a participar de negociações de sentidos culturais sobre questões as mais diversas.

O percurso metodológico perpassou a busca de vídeos que pudessem, de algum modo, acionar pedagogias de gênero e sexualidade. Foram utilizados os mecanismos de

⁵ Dados referentes a 2020 são da reportagem intitulada “Os 10 maiores canais do YouTube no mundo e no Brasil”, divulgada pelo site <https://www.oficinadanet.com.br/post/13911-os-10-maiores-canais-do-youtube>. Acesso em: 16 dez. 2020. Dados referentes a 2023 foram obtidos diretamente do canal do *youtuber*: <https://www.youtube.com/@felipeneto/videos>. Acesso em: 4 maio 2023.

busca do *YouTube* para selecionar vídeos do canal Felipe Neto e outros que estivessem relacionados às questões de gênero e sexualidade com a participação do influenciador. Analisar os vídeos do *youtuber* Felipe Neto é localizá-los no âmbito de uma sociedade discursiva, da qual somos produtos e disseminadores/as de enunciados que ensinam modos de viver, pensar, agir, sentir, desejar. Na relação com esses enunciados, estabelecemos sentidos de pertencimento ou dissonância, sujeitando-nos ou resistindo às suas estratégias de enquadramento. Assim, os vídeos do *YouTube* dizem de uma conjuntura atual em que o acesso, a velocidade e a diversidade de circulação dos discursos são cada vez maiores. Por isso, ao analisar o material selecionado, buscamos observar os enunciados sobre gênero e sexualidade presentes nos vídeos, tentando problematizar como podem contribuir para nossos processos de subjetivação, entendendo que, mais do que dizer algo, os discursos são “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” e que “certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (Foucault, 2008, p. 55).

Neste artigo, nosso foco se estabelece sobre vídeos do *youtuber* Felipe Neto nos quais ele articula enunciados sobre a importância e a necessidade de informação, a fim de que as pessoas se posicionem e mudem seus modos de agir e pensar ao participarem do debate público que envolve setores conservadores da sociedade e as demandas das pessoas LGBTQIA+. Elegemos vídeos em que o *youtuber* se posiciona abertamente acerca de episódios de censura e retrocessos políticos, além daqueles em que ele se coloca em processo de construção e aprendizado para construir seus argumentos. Em meio a um contexto de conservadorismo moral e político, o influenciador se insere no debate público, articulando discursos científicos, associados a certas estratégias de linguagem e humor, produzindo identificações com seu público. Os vídeos de Felipe Neto, nesse sentido, são tomados como educativos, na medida em que acionam pedagogias culturais de gênero e sexualidade, conduzindo o público a partir de um

percurso argumentativo crítico, promovendo disputas nos modos de pensar as relações entre sexualidades, disputas políticas, relações de poder, mídias e educação.

“[...] tá um escândalo a história da cura gay”: construindo posicionamentos contra a reorientação sexual

A fala que compõe o título foi dita por Felipe Neto no vídeo ‘Homofobia – Não faz sentido! [+13]’ (2013). Ela expressa um pouco do que o *youtuber* pensa sobre homossexualidade. Os posicionamentos dele diante de algumas ações desrespeitosas à diversidade sexual e de gênero serão abordados nesta seção.

Nossas vivências cotidianas, compartilhadas com outros indivíduos ou mediadas por artefatos culturais, vão construindo uma imagem do sujeito homossexual contemporâneo, como se houvesse uma homogeneidade, como se fosse possível determinar características para enquadrar o sujeito e classificá-lo. Porém, é importante entender as homossexualidades sempre no plural, como nos propõem (Ferrari; Castro, 2015, p. 243): “como construção discursiva, histórica, cultural e social. [...] o que nos impossibilita pensar nas homossexualidades como essência, como algo ligado a uma verdade absoluta e como uma identidade imutável”. Para os autores, “as homossexualidades dizem dos discursos, saberes, poderes e jogos de verdade que ajudamos a construir, que fortalecemos, que problematizamos, que combatemos e dos quais fazemos parte”.

Foucault (1988, p. 44) problematiza a emergência histórica do sujeito homossexual no século XIX, quando houve uma “caça às sexualidades periféricas”, e as práticas sexuais consideradas “incompletas” passaram a ser encaradas como alguma patologia. Com isso, a chamada sodomia deixou de ser uma prática e passou a ser vista como algo interior do sujeito, de forma que “o sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie”. Assim, criou-se uma personagem que tem “um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com

uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa” (Foucault, 1988, p. 43). Essas características delimitavam a “patologia” e permitiam identificar o sujeito que deveria sofrer intervenções dos especialistas em saúde (médicos, psiquiatras e psicólogos).

Durante muito tempo, a homossexualidade foi criminalizada, patologizada e considerada uma prática pecaminosa, de maneira que pessoas homossexuais podiam ser submetidas à internação, à terapia e à prisão. O termo homossexual foi empregado pela primeira vez pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert, em 1869, em uma carta protesto contra a criminalização das relações sexuais entre homens na Alemanha. No ano seguinte, o psiquiatra Carl Westphal utilizou o termo para falar sobre uma suposta identidade “inversa” (Miskolci, 2007, p. 104). A partir de então, a palavra passou a ser usada para nomear e marcar sujeitos pelas suas experiências sexuais vividas com pessoas de mesmo gênero. Assim, eles passaram a ser analisados e classificados dentro do binarismo homossexual/heterossexual e da hierarquia estabelecida dentro dele, em que a heterossexualidade é considerada natural e a homossexualidade é vista como um desvio.

Entretanto, em meio a muitas lutas e resistências, os movimentos homossexuais tiveram algumas conquistas com relação à despatologização das homossexualidades. Em 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) excluiu o “homossexualismo” do Código Internacional de Doenças (CID). No Brasil, o Conselho Federal de Medicina (CFM) deixou de considerar a homossexualidade como transtorno em 1985, e o Conselho Federal de Psicologia (CFP) publicou, em 1999, uma resolução que impede aos/às profissionais da área de oferecerem tratamentos que estimulem a patologização das homossexualidades.

Apesar dos avanços conquistados com essas lutas, da pluralidade no exercício político das identidades sexuais (principalmente aquelas que se distanciam da heterossexualidade) e do aumento da presença de sujeitos LGBTTQIA+ nas mídias, sujeitos não heterossexuais experienciam o preconceito e sofrem discriminações e

violências cotidianas. Atualmente, é possível observar movimentos políticos tramitando nas câmaras legislativas em favor de tratamentos médicos e psicológicos para reverter as homossexualidades – popularmente conhecidos como “cura gay”. Foi em meio a um acontecimento relacionado a isso que o *youtuber* Felipe Neto produziu o vídeo ‘Cura gay... É isso mesmo?’ (2017).

A produção foi postada em 21 de setembro de 2017, na semana em que o juiz Waldemar Cláudio de Carvalho, da 14.^a Vara do Distrito Federal, concedeu uma liminar que garantia a liberdade de psicólogos/as para atendimentos pertinentes à reorientação sexual. A liminar contrariava a Resolução CFP nº 001-1999, que estabelece, entre outras diretrizes, que os/as profissionais dessa área não devem oferecer tratamentos de reorientação sexual, nem estimular a patologização das homossexualidades⁶. Diante disso, houve uma intensa mobilização em questionamento à decisão do juiz, inclusive com o posicionamento de alguns/as famosos/as contra ela. Foi nesse contexto que Felipe Neto produziu um vídeo sobre o assunto. De uma forma geral, a produção defende que homossexualidade não é doença e, por isso, não precisa de cura; que a Psicologia é uma ciência e não deve ser exercida baseando-se em opiniões, mas em dados científicos; que reorientação sexual não existe, é charlatanismo e, portanto, a “cura gay” não existe. Nas palavras do *youtuber*:

galera hoje venho aqui até vós, até ustedes, com um daqueles vídeos que não queria tá tendo que gravar, mas que se torna impossível não falar. Eu sei que meu canal é de humor, diversão, interação, coisas divertidas e pra cima. Mas, às vezes o Brasil comete coisas assim... a nossa população é capaz de coisas e façanhas tão absurdas que fica impossível não vir aqui falar e explicar, a tentar explicar pelo menos para o meu público que assiste, que eu sei que é um público que tem muita gente no momento de formação de opinião, para tentar levar um pouco de mensagem de abraço aceitação e contra a intolerância. E tá um escândalo a história da cura gay, cura gay pra cá, cura gay pra lá. Pro brasileiro agora então quer dizer que ser gay é doença? Quer dizer que a justiça brasileira falou que quem é gay é doente? Não. Não foi isso que a justiça brasileira falou, não foi isso que aconteceu. Eu vou tentar

⁶ No início de 2020, o Supremo Tribunal Federal suspendeu a decisão do juiz, reforçando a resolução do CFP. Atualmente, é vedado aos/às psicólogos/as oferecer tratamento referente à reorientação sexual.

mostrar pra vocês a minha visão sobre o fato. Eu peço que vocês usem a minha visão para embasar a sua, pesquisando em outros lugares ok? Não usem apenas a minha opinião, procurem outras opiniões para poder chegar à sua própria conclusão. (Cura..., 2017)

Logo no início da fala, o influenciador digital dá sua opinião sobre a polêmica, evidenciando estar ciente de que tem o poder de influenciar seus seguidores e reconhecendo que apresentar sua perspectiva sobre os acontecimentos contribui para esse impacto. Ele utiliza técnicas de interpelação dos sujeitos, investe em argumentos, exemplos reais, citação de reportagens e estudos científicos, além de um tom incisivo para fundamentar sua concepção, estratégias pedagógicas muito eficientes para convencer os/as espectadores/as. Nessa dinâmica, é possível observar como determinadas formações discursivas vão sendo usadas e multiplicadas pelos sujeitos que as enunciam. Felipe Neto aciona discursos valorizados na nossa sociedade, como os jurídicos, científicos e políticos. Ao fazer isso, não apenas legitima sua narrativa, mas também os fortalece na “ordem do discurso” (Foucault, 1996). Desse modo, o canal é uma mídia que “se faz espaço de reduplicação dos discursos, dos enunciados de uma época. Mais do que inventar ou produzir um discurso, a mídia o reduplicaria, porém, sempre a seu modo, na sua linguagem, na sua forma de tratar aquilo que ‘deve’ ser visto ou ouvido” (Fischer, 2005, p. 4, grifo da autora), mostrando como o saber e o poder estão interligados. Alguns exemplos disso estão nas seguintes falas:

se você acha que é isso ser gay, a pessoa decidiu, optou ser, esse vídeo não é pra você. [...]

Reorientação sexual é uma charlatanice repete comigo. Reorientação sexual é uma char-la-ta-ni-ce. O que que é a reorientação sexual? São falsos psicólogos, são pessoas mal-intencionadas, pessoas que querem tirar dinheiro do povo, da população. Ou pessoas embasadas apenas pela fé e não pela CIÊNCIA, que é a Psicologia, que oferecem o serviço de reorientar a sua sexualidade. Ela diz que é capaz, através de consultas psicológicas, de fazer você deixar de ser gay. O que que você precisa compreender sobre isso? É mentira! Você não encontra nenhum estudo, nenhuma comprovação científica na história da humanidade que sustente a tese de que é possível você

reorientar a sexualidade de alguém. Não funciona! Não existe! É charlatanice! [...]

Vamos torcer pra isso cair. Eu tenho fé que vai cair, não acredito que vai durar quase nada, vai derrubar. Psicólogo não vai poder oferecer cura gay coisíssima nenhuma. Se quiser vai pra igreja oferecer querido. No seu consultório, respeite à ciência, respeite a disciplina, respeite o conselho que guia e diz o que é ético e moral na sua profissão tá bom? [Aponta o dedo para a tela dirigindo-se a psicólogos/as]. (Cura..., 2017, grifo do autor)

Felipe Neto inicia a produção dizendo que a fala é para seus/suas seguidores/as que estão em “*momento de formação de opinião*”, explicando didaticamente sua visão sobre a reorientação sexual, com um tom de argumentação e persuasão. Entretanto, termina direcionando-se a psicólogos/as que são a favor da prática, aconselhando-os a não realizarem tal tratamento, partindo para uma postura incisiva e intimidativa, como se soubesse que as pessoas para as quais as falas foram direcionadas estariam assistindo. Isso mostra que existem estratégias de endereçamento no material. Apesar de afirmar que o vídeo não é destinado àqueles que consideram a orientação sexual uma opção, o influenciador constantemente critica esse ponto de vista, aparentando tentar persuadir justamente esse público que pensa diferente dele. Ao citar ‘essa pessoa’ no início, ele pode instigá-la a continuar assistindo e fazer a mensagem chegar a quem mais importa, ou seja, aqueles/as que concordam e defendem a reorientação sexual.

O *youtuber* é enfático em seu posicionamento contrário a esses tratamentos. Ao defender o seu ponto de vista, ele se posiciona diante de um embate social que se pauta em dois lados: um que considera as homossexualidades como anormalidades e outro que as enxerga como parte das diversas orientações sexuais coexistentes. Colocando o vídeo na teia de aparatos que difundem discursos sobre as sexualidades, defendendo que homossexualidade não é doença, não é escolha, não é errado e não necessita de tratamento. Contudo, ao considerar as falas presentes na produção, há algo importante a ser problematizado: elas parecem expressar a homossexualidade como algo inato e imutável. Entretanto, após diversas tentativas de explicar as causas ou supostas bases biológicas, psíquicas ou sociais da orientação sexual, “o que hoje se sabe é que não há

informações seguras sobre o que faz uma pessoa ter preferências afetivo-sexuais homo, bi ou heterossexual” (Mello; Grossi; Uziel, 2009, p. 165).

Nenhuma orientação sexual é resultante de “um ato racional, de uma escolha deliberada, de uma vontade intencional” (Mello; Grossi; Uziel, 2009, p. 165), mas “construída nos embates subjetivos e sociais, produzidos nas interações, a partir de padrões culturais, relações de poder, idéias (sic) sociais, configurando-se como um fenômeno individual tanto quanto coletivo” (Sousa Filho, 2009, p. 113). Por isso, não se pode afirmar que alguma orientação sexual seja irreversível, pois equivaleria a dizer que se trata de algo inato, como se os indivíduos tivessem uma predisposição biológica para determinada orientação. Isso vai contra as concepções discutidas neste trabalho de que “todas as sexualidades devem ser construídas, que nossas práticas e interesses são socialmente negociados durante toda nossa vida e que a moldagem sexual não precisa estar presa a estruturas de dominação e sujeição” (Britzman, 1996, p. 91).

Sousa Filho (2009, p. 115) discute sobre as buscas pelas origens e causas das sexualidades não heterossexuais, enfatizando que

no âmbito do desejo e da sexualidade, toda procura de inteligibilidade – causas específicas – está fadada a cair em preconceitos, nos discursos de poder, na ideologia, porque buscarão determinações sempre arbitrárias, reducionistas, e sob o domínio dos discursos de normalidade.

Diante disso, a problematização em torno dos tratamentos de reorientação sexual não se resume à eficácia deles. É importante pensar que eles materializam um pensamento heteronormativo. Ademais, constituem-se uma negação da diversidade, um desrespeito, uma violência contra homossexuais, pois reforçam o discurso da homossexualidade como anomalia que precisa de cura, estimulando a homofobia.

“[...] desde 2013, eu luto contra a homofobia na internet!”: sobre mudanças de posicionamento e aprendizados

Borrillo (2010, p. 34) resume características da homofobia dizendo que ela pode ser definida como “a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo”⁷. Entretanto, Junqueira (2012) amplia essa definição. Segundo o autor, ela também pode ser descrita

como um fenômeno social relacionado a preconceitos, discriminação e violência contra quaisquer sujeitos, expressões e estilos de vida que indiquem transgressão ou dissintonia em relação às normas de gênero, à matriz heterossexual, à heteronormatividade. E mais: seus dispositivos atuam capilarmente em processos heteronormalizadores de vigilância, controle, classificação, correção, ajustamento e marginalização com os quais todos(as) somos permanentemente levados(as) a nos confrontar. (Junqueira, 2012, p. 67-68)

A homofobia é consequência e instrumento da heteronormatividade. Ao mesmo tempo que o reforço da norma estimula tal fenômeno, esse sentimento de negação ao que está fora da matriz heterossexual contribui para perpetuá-lo. Como aponta Junqueira (2012), a homofobia não vigia somente as relações afetivo-sexuais, mas toda a cadeia apontada por Butler (2003) como matriz de inteligibilidade de gênero, constituída pela coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Por essa razão, a homofobia atinge todas as pessoas, controlando os corpos e suas formas de ser e existir.

Mais do que agressões físicas a homossexuais, a homofobia consiste em uma forma de vigilância composta por olhares, piadas, deboches, xingamentos, apontamentos, correções, punições, ataques... direcionados a todos/as que em algum momento parecem desviar das normas, inclusive heterossexuais e cisgêneros. Por isso, é

⁷Na mesma linha, vêm sendo usados os conceitos de “lesbofobia”, “bifobia”, “transfobia” e “LGBTQIA+fobia”, considerando as especificidades de cada grupo de envolvidos por eles.

importante falar sobre as questões de sexualidade, heteronormatividade e homofobia nas mídias.

O Canal Felipe Neto apresenta alguns enunciados contra a homofobia. Porém, o modo como o influenciador se refere a homossexuais nos vídeos atuais é bem diferente do que era visto em produções mais antigas. No Vídeo “É hora de falar a verdade... Mostre pros seus pais” (2019), em que rebate críticas e desmente *fake news*, o *youtuber* fala um pouco dessa mudança. Ele demonstra uma preocupação em dizer que seus saberes foram ressignificados ao longo do tempo e que sua postura diante da homossexualidade é completamente diferente atualmente. Em suas palavras:

Em UM VÍDEO dos 2 mil vídeos que eu tenho no meu canal, quase 10 anos atrás, eu fiz UMA piada falando mal dos homossexuais. Eu era uma pessoa ainda infestada por preconceitos. Eu tinha 21 anos. As pessoas crescem! Elas amadurecem! Se você estudar a história do meu canal, 3 anos depois desse vídeo eu fiz um “Não faz Sentido – Homofobia”, em que eu bati na homofobia. Ou seja, desde 2013, eu já vinha com uma postura completamente diferente de 2010. Então, dizer que eu mudei porque agora é moda defender o movimento LGBTQI+ é absurdamente mentiroso! Porque o vídeo de homofobia do meu canal é de 2013. E desde então, eu venho fazendo tudo que existe ao meu alcance, pra poder corrigir os meus erros do passado. Pra poder mostrar pras pessoas o quanto eu mudei e o quanto eu amadureci, cara. Porque a vida é isso! A vida é você não ficar preso somente ao que você leu até agora. A vida é você descobrir coisas novas todos os dias. É você descobrir que você tava errado todos os dias. Então, eu, constantemente, me pego aprendendo algo novo, lendo algo novo, descobrindo uma nova realidade que eu não fazia a menor ideia. E foi assim que eu consegui começar a lutar contra a minha homofobia, contra o meu machismo, contra o meu até racismo. [...] Enfrentar isso é um aprendizado. E eu aprendi! E aprendo todos os dias, porque você nunca tá 100% perfeito. Ainda mais um homem branco, heterossexual... Irmão, você tem que aprender todos os dias, a como evoluir. Então, sim... Eu fiz uma piada homofóbica, 10 anos atrás. Mas quem era você, 10 anos atrás? Tenta pensar. Se você pensar em você próprio, 10 anos atrás e olhar pra hoje e você achar que não mudou nada, você tá vivendo errado, irmão! Você está vivendo errado! Você tá passando pela vida sem aprender nada. E isso é inadmissível! Concorda comigo? Então, primeira mentira, desfeita! Eu não falo que homossexuais são “viadinhos”, eu falei isso 10 anos atrás. E desde 2013, eu luto contra a homofobia na internet!. (É hora, 2019, grifos do autor)

Com o intuito de mostrar, principalmente para pais/mães de seguidores/as, que não é “*má influência*”, Felipe Neto argumenta nesse vídeo questões que foram utilizadas para atacá-lo. Ao explicar que vinha sendo acusado com mentiras, o *youtuber* desmente cada uma delas e convida as pessoas a assistirem ao canal por uma semana, a fim de demonstrar que seu conteúdo não é impróprio. Uma dessas acusações era a de que ele se referia a homossexuais como “viadinhos”, o que foi respondido com a fala acima.

Termos como ‘viadinho’, ‘bicha’, ‘sapatão’, entre outros, são utilizados de forma pejorativa. Essas palavras são usadas como insultos direcionados a pessoas homossexuais, mas também são destinadas a heterossexuais com o propósito de atacar as masculinidades ou feminilidades das pessoas, seja em tom de insulto ou de ‘brincadeira’. Tais palavras, muitas vezes, ofendem a quem as escuta, revelando a presença da homofobia em nossa sociedade. Junqueira (2012, p. 71) aponta que essa prática faz parte de uma “pedagogia do insulto”, que educa para a heteronormatividade por meio do uso de apelidos, ridicularizações, piadas, ofensas e desqualificações daqueles/as que não se enquadram na matriz heterossexual e nas normas de gênero. São “jogos de poder que marcam a consciência, inscrevem-se no corpo e na memória da vítima e moldam pedagogicamente suas relações com o mundo”. Desse modo, desde o nascimento, os sujeitos são induzidos a rejeitar aquilo que é alvo de constrangimento e violência, aprendendo a controlar a si mesmo e aos outros. A “pedagogia do insulto” naturaliza a desumanização e estimula a homofobia, gerando cada vez mais preconceitos e agressões. É um mecanismo que faz parte do cotidiano da maioria das pessoas e acontece de forma tão sutil que nem sempre elas se dão conta de que participam desse processo, contribuindo para disseminar a discriminação.

Felipe Neto fala da própria experiência dizendo que o preconceito é institucionalizado e que só teve uma mudança de postura quando colocou sob suspeita as concepções que carregava⁸. No vídeo ‘Homofobia - não faz sentido! [+13]’ (2013),

⁸ No vídeo “HETEROFOBIA - Pergunte Às Bee 68”, em que Felipe Neto fez uma participação no Canal das Bee, ele fala sobre como começou a questionar suas concepções e passou a se posicionar como

citado na fala, o *youtuber* convoca o público a pensar sobre a homofobia e faz o seguinte apelo:

é bem possível que eu perca uma parte do meu público com esse vídeo que eu vou fazer agora. Por isso, antes de você me xingar nos comentários, eu peço só uma coisa: que você assista este vídeo e pense durante 30 segundos nas coisas que eu tenho pra te falar. E que depois disso você não tome esse vídeo como uma verdade absoluta, que você simplesmente se inspire a pesquisar mais sobre o assunto, que você crie as suas próprias conclusões baseadas em opiniões que vão de encontro àquelas que vocês foram condicionados a ter em um país que, infelizmente, é muito preconceituoso com a questão dos homossexuais. Então pesquisa, conclua e, se depois disso você quiser me odiar foda-se! Tudo bem. Pode me odiar! (Homofobia..., 2013)

Na produção, ele encoraja os/as expectadores/a respeitarem os homossexuais e rebate alguns argumentos comumente utilizados por quem é homofóbico/a, especialmente aqueles baseados em versículos bíblicos. Além disso, faz um alerta para lembrar que homofobia não se restringe à violência física:

homofobia não é sair pela rua com uma espingarda caçando gay como se você tivesse na porra do walking dead. Homofobia é muito mais do que isso, é você utilizar as suas palavras e da sua filosofia de vida para simplesmente não aceitar determinadas pessoas e colocá-los a par da sociedade. Como se elas merecessem a discriminação, como se elas merecessem o tempo inteiro serem condenadas e abominadas por todo mundo. E você não precisa dar uma lampadada na cara de alguém pra causar esse efeito. Bastam as suas palavras. (Homofobia..., 2013)

Além desse vídeo, desde 2013 podemos encontrar falas e atitudes de Felipe Neto que demonstram a postura diferente assumida por ele no que diz respeito à homofobia. Ele critica ativamente a discriminação de homossexuais, promove ações que dão visibilidade a essa questão e estabelece parcerias com pessoas famosas que falam sobre o tema, como a cantora *dragqueen* Pablio Vittar e as/os *youtubers* do Canal das Bee.

defensor da causa LGBTQI+. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jeSppgR8-EE&t=339s>. Acesso em: 9 set. 2020.

“[...] *LGBT não é pornografia!*”: pedagogias de enfrentamento à censura

A expressão de maior visibilidade do posicionamento do influenciador com relação às homossexualidades ocorreu na época da Bienal do Livro do Rio de Janeiro ocorrida entre os dias 30 de agosto e 8 de setembro de 2019. Na ocasião, o então prefeito da cidade, Marcelo Crivella, ordenou que a HQ ‘Vingadores: a Cruzada das Crianças’ fosse recolhida do evento, alegando que ela apresentava conteúdo sexual para menores, devendo ser lacrada em plástico preto e com um aviso sobre o conteúdo, alegando que essa medida visava proteger as crianças. Além disso, Crivella enviou um grupo de fiscais da Secretaria Municipal de Ordem Pública para percorrer o evento à procura de livros com cenas impróprias a crianças e adolescentes. A atitude do prefeito foi embasada no artigo 78 do Estatuto da Criança e do Adolescente, que determina que as revistas e publicações contendo material considerado impróprio ou inadequado a crianças e adolescentes devem ser comercializadas em embalagem lacrada, com a advertência sobre o conteúdo.

Vale ressaltar que o material em questão não apresenta conteúdo de cunho pornográfico, somente mostra um romance entre dois heróis e exibe, na parte de dentro do livro, a imagem de um beijo entre eles, ato que pode ser visto em diversos contos de fadas infantis protagonizados por homem e mulher. Isso nos leva a considerar que a reação pode ter sido motivada por homofobia.

No dia 7 de setembro de 2019, em resposta a essas ações, Felipe Neto comprou todos os livros do evento que tratam da temática LGBTQIA+ (14 mil unidades) e doou para participantes da Bienal. Os exemplares doados estavam embrulhados com plástico preto e continham uma tarja dizendo: “este livro é impróprio para pessoas atrasadas, retrógradas e preconceituosas”, o que ironizava a atitude do prefeito.

A ação foi anunciada por meio de um vídeo postado no canal Felipe Neto no dia 6 de setembro de 2019, véspera da distribuição. Na ocasião, ele vestia uma camisa com

os dizeres: “*all we need is love*” (tudo o que precisamos é amor). Nessa produção, o *youtuber* diz:

hoje, sexta-feira, dia 6 de setembro de 2019, foi um dia triste pra democracia brasileira. O dia em que o Prefeito da cidade do Rio de Janeiro decidiu, por um devaneio, por uma loucura dele, que um beijo entre dois homens deve ser enquadrado como pornografia, como conteúdo sexual e que, por isso, qualquer obra que mostre afeto entre gays deve ser embalada com plástico preto e avisada como conteúdo impróprio. Eu espero que, mesmo que você seja uma pessoa que não tem simpatia pela causa LGBT, que você enxergue o nível mais profundo de censura e repressão que isso representa. Amor não é pornografia! Amor não deve ser censurado! Afeto não pode ser proibido para menores. Tudo isso aconteceu porque o Crivella viu esse beijo, em uma única página de uma HQ dos Vingadores. Nunca incomodou o Prefeito que as HQs, historicamente, tenham cenas de violência, sangue, guerra, tiro, porrada, bomba. Isso não importa. Só o que importa, só o que incomoda é o amor entre pessoas do mesmo sexo! Enquadrar o afeto homossexual dentro da lei de pornografia e conteúdo impróprio pra menores é censura em último nível! É baixo, é covarde! E nós, como sociedade, nós não podemos aceitar! [...] Então, eu tô tentando fazer a minha parte, pelo menos um pouquinho. Pra gente ter uma sociedade mais igual. Com mais aceitação e com mais inclusão. [...]. Pegue o seu! E espalhe o amor! Espalhe a inclusão. Espalhe a aceitação. LGBT não é pornografia! Por favor, espalhem essa mensagem. (Censura..., 2019)

A partir dessas palavras, o influenciador explicou como a ação iria funcionar e convocou o público para comparecer ao evento a fim de receber um dos livros que ele doaria, onde também teriam a oportunidade de assistir aos debates sobre “diversidade dentro do universo da literatura”, que aconteceriam no mesmo dia. A ação teve grande repercussão em outras mídias, sendo noticiada em jornais televisivos e em diversos sites. O vídeo teve 1.834.563 visualizações, 379 mil curtidas, 48 mil descurtidas e 35.627 comentários⁹, além de o canal ter conquistado aproximadamente 4 mil inscritos/as em 48 horas¹⁰. Em contrapartida, após o acontecido, Felipe Neto disse ter sido alvo de *fake news* e ter recebido ameaças, inclusive sentindo a necessidade de reforçar a segurança pessoal e da família.

⁹ Dados do dia 28 de agosto de 2020.

¹⁰ Dado obtido por observação pessoal do canal durante o período.

Esse episódio mostra que discursos não são disseminados somente por palavras, mas também por atos. As ações do prefeito e do *youtuber* demonstram suas concepções e podem ser encaradas como práticas educativas na medida em que contribuem para a formação de sujeitos. Ambas visam transmitir uma mensagem e levam as pessoas a pensarem sobre si mesmas, a se posicionarem a respeito das homossexualidades e da homofobia. É possível perceber que as palavras explicam, mas não são fundamentais para que possamos ver quais discursos sobre as homossexualidades estão presentes nas duas práticas. Os discursos não se restringem aos atos de fala. Sua disseminação acontece de diversas formas, por elementos visíveis e enunciáveis (Fischer, 2005). Foucault (1988, p. 30) nos diz que “é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discrição é exigida a uns e outros”.

Então, quais as condições de existência das duas práticas ocorridas na Bienal do Livro de 2019? Estamos vivenciando um contexto em que disputas políticas e ideológicas estão bastante acirradas. Pessoas ligadas a movimentos religiosos têm ocupado cargos políticos e lutado para que os princípios de suas religiões sejam incorporados pela sociedade por força de leis. Um dos assuntos mais latentes dessas disputas são as sexualidades, e as questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero vêm tornando-se um verdadeiro campo de batalhas discursivas. Nesse contexto, Marcelo Crivella, bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus, que possuía 29,4 mil seguidores/as no *YouTube*¹¹, defendeu que um beijo entre dois homens em uma revista em quadrinhos deve ser classificado como pornografia. Enquanto isso, Felipe Neto, com 39,2 milhões seguidores/as na mesma rede social¹², vai contra essa ideia e defende que o amor não é pornografia e, portanto, não deve ser censurado. Nesse embate, destacam-se pessoas influentes, ‘autorizadas’ a dizer, representando discursos defendidos por determinados setores da sociedade. Suas intervenções dizem de uma

¹¹ Dados do dia 29 de agosto de 2020.

¹² Dados do dia 29 de agosto de 2020.

relação de força e poder muito presente nos dias atuais. As posições que ambos ocupam na sociedade fortalecem suas palavras e ações, permitindo que sejam vistas por muitas pessoas e sirvam de referência para que elas construam suas concepções e argumentos.

A esse respeito, Foucault (1996, p. 9) afirma que

a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Esses procedimentos se encarregam de determinar o que pode ou não ser dito, assim como o momento, a forma e o responsável por tal expressão em cada contexto. Existem instituições que culturalmente são legitimadas como autoridades dos discursos que circulam entre nós, como aquelas relacionadas à medicina, à política, à justiça, à religião, à mídia, entre outras. Ocupar determinados lugares de visibilidade e liderança nas esferas políticas, religiosas e midiáticas, como é o caso dos envolvidos na disputa em questão, dá a eles o “direito de dizer”, e suas palavras ganham *status* de verdade e contribuem para os processos de subjetivação dos sujeitos na sociedade. Nesse contexto, a realização de manifestações que tenham grande repercussão é uma forma de dar visibilidade aos discursos que defendem, além de fortalecê-los como influenciadores e pessoas “autorizadas” a exporem determinados posicionamentos.

Os embates de Felipe Neto relacionados a discriminações sexuais e de gênero não pararam por aí. Diante dos ataques de grupos e figuras religiosas à diversidade, ele propôs mais uma ação: comprometeu-se a fazer publicidade gratuita no seu canal para todas as marcas que sofressem boicotes, coordenados pelo pastor Silas Malafaia, ao tratarem de temas ligados à diversidade em suas propagandas. A promessa foi feita no vídeo ‘Disney e o Silas Malafaia’ (2017) com as seguintes palavras:

qualquer empresa no Brasil, a partir de hoje, podem realizar campanhas livremente, que envolvam questões raciais, que envolvam questões de sexualidade, que envolvam questões religiosas... vocês podem ser livres para

fazer o que vocês quiserem. Incluam as pessoas. E principalmente incluam sexualidades distintas da tradicional brasileira e do mundo inteiro. Neste momento o que a gente mais tem é a censura completa de questões homossexuais, bissexuais, transexuais e todas as outras definições que existem. Então qualquer empresa brasileira que realizar uma campanha publicitária envolvendo esses temas, basta irritar Silas Malafaia o suficiente para ganhar publicidade gratuita minha aqui no canal. (Disney..., 2017)

O compromisso foi efetivado em dois contextos. Primeiramente em 2017, quando Silas Malafaia convocou um boicote à Disney por exibir um beijo entre dois homens em um episódio da série de desenho animado “Star vs. as Forças do Mal”. Na produção feita em resposta a isso, Felipe Neto apresentou publicações do pastor no *Twitter* ressaltando o caráter agressivo e homofóbico delas. Além disso, convocou seus/suas seguidores/as a comprarem qualquer coisa da marca Disney no intuito de atrapalhar o boicote e demonstrar apoio à marca. Entre suas justificativas, ele argumenta que

o entretenimento é um reflexo da sociedade. O entretenimento ser proibido de mostrar dois homens dando um selinho, isso é censura. Ser proibido de mostrar qualquer tipo de relação e afeto homossexual. Isso é censura. Para todo mundo que concorda com essa visão completamente equivocada de que crianças não podem ser expostas à homossexualidade, eu faço uma pergunta para você: você acha que o jeito certo de educar seu filho a respeito da homossexualidade é fingindo que ela não existe? Você acha que essa é a solução? Você não acha que o seu filho vai ver homossexuais inevitavelmente? Você não acha que é muito mais bonito a sociedade abraçar algo que é natural, comum e inerente ao ser humano e você explicar para o seu filho de maneira natural, comum e inerente a homossexualidade existente dentro da sociedade? (Disney..., 2017)

O segundo caso ocorreu em julho de 2020, quando o mesmo pastor incentivou um boicote à marca *Natura* por convidar o ator transexual Thammy Miranda para fazer parte da equipe de influenciadores em sua campanha de dia dos pais. Ao responder à campanha com o vídeo ‘Vamos vencer o boicote [+13]’ (2020), Felipe Neto parabenizou a marca “pela inclusão e pela representatividade” e convidou o público a

comprar produtos da *Natura*. Paralelamente, apresentou dados alarmantes sobre as pessoas transexuais publicados em pesquisas nos anos de 2016 e 2018, colocando o Brasil como líder mundial em assassinatos de pessoas transexuais e demonstrando o contexto social de produção de vulnerabilidades para essas pessoas. A partir daí, fez o seguinte apelo ao público:

eu acho que esses são dados o suficiente pra gente entender quem tá lutando pelo amor, pela inclusão, pela aceitação. E quem tá lutando pelo ódio, pela raiva, pela discriminação, pela violência e pela exclusão. E se você me acompanha, se você me segue, você sabe que há anos eu bato sempre na tecla de nós amarmos a todos, de nós aceitarmos e incluirmos a todos. [...] Eu sei que parece pouco, mas um produto que você compra já faz uma diferença monstruosa pra gente revelar o quanto a presença do Thammy Gretchen na campanha de Dia dos Pais da Natura foi importante. E, a partir do Thammy a gente pode continuar com o discurso de inclusão e lutando por uma sociedade mais igual, menos injusta, menos segregadora. E quem sabe um dia, esses números que eu revelei aqui mudem. Tudo começa com uma pequena ação. (Vamos..., 2020)

As duas ações foram realizadas para confrontar atos convocados por Silas Malafaia que poderiam disseminar o ódio contra pessoas LGBTTQIA+. É possível perceber que os boicotes foram convocados porque a exposição midiática de um beijo gay e da figura de um homem transexual representando a paternidade incomodou um determinado segmento da sociedade. Felipe Neto questiona se algumas pessoas acham que esconder a diversidade de identidades sexuais e de gênero existentes poderia evitá-la. A representatividade na mídia é importante para a construção das nossas subjetividades, pois contribui para a formação de representações identitárias e para nos reconhecermos enquanto sujeitos de determinadas identidades. Entretanto, “o desejo não se constrói a partir de um efeito de imitação puro e simples, mas por meio de um complexo e pouco conhecido processo que, provavelmente, reúne componentes sociais, psicológicos e biológicos, intrínsecos à história singular de cada sujeito” (Mello; Grossi; Uziel, 2009, p. 166). Então, por que a representatividade do público LGBTTQIA+ nas mídias vem sendo tão atacada? Penso que a mídia, com

todo esse complexo aparato cultural e econômico – de produção, veiculação e consumo de imagens e sons, informação e publicidade e divertimento, com uma linguagem própria – é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida. (Fischer, 2006, p. 15)

Assim, aparecer significa reafirmar a existência desses modos, a fim de que sejam legitimados. Os artefatos culturais apresentam aquilo que circula na sociedade, mostram como determinadas coisas existem na nossa cultura e acabam contribuindo para a formação de opiniões a respeito dos mais variados assuntos. Isso também acontece com relação às identidades sexuais e de gênero, uma vez que estar presente na mídia significa estar mais próximo/a ao público, possibilitando levar até este público discussões que, durante muitos anos, não tiveram em pauta.

A presença de pessoas LGBTTTQIA+ nos diversos artefatos culturais é fruto de uma mobilização política desses grupos pelo direito à representatividade nesses espaços que são educativos, visto que isso possibilita maior acesso à informação, permitindo questionamentos sobre preconceitos enraizados na sociedade e resultando em mais empatia com o outro. Além do mais, gera maior visibilidade das lutas que os sujeitos LGBTTTQIA+ enfrentam e fomenta o debate público sobre a desigualdade de direitos, a discriminação e a violência. Quando pessoas com variadas identidades são representadas nas mídias de forma respeitosa, assumindo posições de destaque, formando opiniões, expondo suas bandeiras e batalhas, os discursos normativos tendem a sofrer questionamentos. Os/as defensores/as desses discursos parecem ter medo de ver os privilégios da norma questionados. Por isso, os artefatos culturais vêm se tornando campos de conflitos. A rivalidade de discursos mostra como as relações de poder estão em disputa. Quanto mais os discursos progressistas se propagam, maior deve ser o esforço dos conservadores para também se tornarem mais abrangentes, e vice e versa, pois onde há poder, há resistência (Foucault, 1988).

Por fim, a partir dos argumentos apresentados, destacamos as potencialidades dos vídeos e outros artefatos culturais na mobilização de pedagogias que coloquem em confronto saberes e tensionem regimes de verdade solidamente constituídos. Tais regimes tendem a negligenciar debates qualificados acerca de questões que envolvem a cidadania e a dignidade de sujeitos subalternizados na realidade social e na política brasileira. Em especial, quando se trata de pessoas LGBTTTQIA+, a construção de saberes perpassa mecanismos de restrição e censura, como aquelas a que temos assistido no Brasil, que tentam limitar processos educativos em diferentes instâncias, como escolas, universidades, grupos ativistas, exposições artísticas e redes sociais. Considerando tal cenário, os artefatos culturais podem promover a desnaturalização de regimes de visibilidade que normalizam a imagem cis-heterocentrada de modos de existência, parametrizando a vida a partir dos moldes que buscam limitar experiências de gêneros e sexualidades aos preceitos preconizados por grupos conservadores.

Nesse sentido, importa acompanhar, descrever e problematizar as estratégias pedagógicas das mídias e artefatos culturais na produção e circulação de saberes, valores e ideias que constituem subjetividades. No presente artigo, dedicamo-nos a pensar com os vídeos do *youtuber* Felipe Neto e as estratégias vinculadas à sua extensiva visibilidade na internet e em outros meios de comunicação. Como figura pública e influenciador digital com grande alcance, o *youtuber* faz chegar a um grande contingente de pessoas, especialmente jovens, informações e questionamentos, mobilizando enunciados ligados a diferentes formações discursivas, em especial a ciência. Para além das questões discutidas neste artigo, ao tomar os vídeos como objeto de análise, vinculamos os enunciados aos discursos que lhes dão origem e visibilizamos as ligações entre esses enunciados. Tais redes discursivas atuam sistematicamente na formação de quem somos, como pensamos, agimos, sentimos, desejamos e produzimos existências.

Referências

ANDRADE, Paula Deporte de. Artefatos culturais midiáticos e pedagogias culturais: uma análise para explorar as qualidades pedagógicas da vida contemporânea. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 38., 2017, São Luís. Anais eletrônicos [...]. São Luís: UFMA, 2017. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT16_248.pdf. Acesso em: 26 maio 2023.

BORRILLO, Daniel. Homofobia: história e crítica de um preconceito. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jul. 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71644/40637>. Acesso em: 26 maio 2023.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CENSURA na bienal! [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (5min38s). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=meqsHqP4Qw4>. Acesso em: 26 maio 2023.

CURA gay... é isso mesmo? [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (15min45s). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jnJTUOPVWNE>. Acesso em: 26 maio 2023.

DISNEY e o Silas Malafaia. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (12min39s). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0vkVGui-NM4>. Acesso em: 26 maio 2023.

É HORA de falar a verdade... Mostre pros seus pais. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (24min57s). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7hqI42oskv4>. Acesso em: 26 maio 2023.

FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de. Problematizações de uma aluna adolescente, lésbica e negra: anúncios para pensar outras práticas pedagógicas e formas de conhecer. Educação e Políticas em Debate, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 240-251, ago./dez. 2015. Disponível em:

<http://200.19.146.79/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/34496/18296>.

Acesso em: 1 abr. 2020.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O visível e o enunciável no dispositivo pedagógico da mídia: contribuição do pensamento de Foucault aos estudos de comunicação. *Revista Verso e Reverso*, Porto Alegre, n. 40, 2005. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/7300>. Acesso em: 26 maio 2023.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso: aula inaugural no College de France*. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

HOMOFOBIA – não faz sentido. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (27min33s). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YarCKpbI46c>. Acesso em: 26 maio 2023.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. *Revista Educação On-line*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 64-83, 2012. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20040/20040.PDF>. Acesso em: 26 maio 2023.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Políticas públicas de educação: entre o direito à educação e a ofensiva antigênero. In: RIBEIRO, P. R. C. et al. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ções) nos espaços de educação*. Rio Grande: Editora da FURG, 2018. p. 179-210.

MELLO, Luiz; GROSSI, Miriam Pillar; UZIEL, Anna Paula. A Escola e @s Filh@s de Lésbicas e Gays: reflexões sobre conjugalidade e parentalidade no Brasil. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília, DF: Ministério da Educação/UNESCO, 2009. p. 159-181.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 101-128, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/06.pdf>. Acesso em: 26 maio 2023.

SANTOS, Michele P. Gonçalves dos. “Dá um like e se inscreve no canal!”: problematizando discursos de gêneros e sexualidades em vídeos do youtuber Felipe Neto. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

SEPULVEDA, José Antonio; SEPULVEDA, Denize. Conservadorismo e educação escolar: um exemplo de exclusão. *Movimento: Revista de Educação*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 76-107, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32612/18747>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SOUSA FILHO, Alípio de. Teorias sobre a Gênese da Homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2009. p. 95-123.

VAMOS vencer o boicote. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (12min22s). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_1hLqIkzRYw. Acesso em: 26 maio 2023.

WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em Educação no Brasil. *Educação*, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 32-48, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/18441>. Acesso em: 26 maio 2023.

Censure, homophobia, sexual reorientation:
pedagogies of videos by youtuber Felipe Neto

Abstract: The article aims to present part of the analysis of a master's research in education, focusing on gender and sexuality discourses circulating in videos by the youtuber Felipe Neto on his YouTube channel. Videos were selected, based on the platform's own search mechanisms, in which the influencer triggers statements that refer to various issues involving gender and sexuality. The theoretical-methodological perspectives that led the investigation are aligned with the discourse analysis inspired by Foucault and post-structuralist theories. The article mobilizes arguments from the

videos in which the youtuber takes positions contrary to conservative thinking in the face of episodes of censorship and political backlash that cross the disputes around public debates on LGBTTTQIA+ issues. Our analyzes lead us to problematize the relationships between the videos and the contemporary conservative context, considering that such artifacts mobilize pedagogical processes, educating the subjects to take a stand on the questions presented.

Keywords: YouTube; Pedagogies; LGBTTTQIA+; Political regression; Homophobia.

Censura, homofobia y reorientación sexual:
pedagogías de los videos del youtuber Felipe Neto

Resumen: El artículo tiene como objetivo presentar parte de los análisis de una investigación de maestría en educación, centrándose en los discursos de género y sexualidad que circulan en videos del youtuber Felipe Neto en su canal de YouTube. Se seleccionaron videos de los propios mecanismos de búsqueda de la plataforma en los que la influencer desencadena declaraciones que hacen referencia a diversos temas relacionados con el género y la sexualidad. Las perspectivas teórico-metodológicas que orientaron la investigación están alineadas con el análisis del discurso inspirado en Foucault y las teorías post-estructuralistas. El artículo moviliza argumentos a partir de los videos en los que la youtuber toma posiciones contrarias al pensamiento conservador frente a episodios de censura y contragolpe político que atraviesan las disputas en torno a los debates públicos sobre temas LGBTTTQIA+. Nuestros análisis nos llevan a problematizar las relaciones entre los videos y el contexto conservador contemporáneo, considerando que tales artefactos movilizan procesos pedagógicos, educando a los sujetos a tomar posición sobre las cuestiones presentadas.

Palabras clave: YouTube; Pedagogías; LGBTTTQIA+; Reacción política; Homofobia.

Recebido: 28/07/2023

Aceito: 16/08/2024